

K-POP NA PISTA: Performatividades, afetos e identidades LGBTQIAPN+ na Festa K-POC do Rio de Janeiro.¹

Maria Helena Lopes Araujo²
Krystal Urbano³
Universidade Federal Fluminense - UFF

Resumo

O artigo analisa a Festa K-POC, balada de K-pop no Rio de Janeiro, como um território simbólico de resistência, pertencimento e expressão identitária. A partir de observações e a análise exploratória, discute-se como a festa, voltada ao público LGBTQIAPN+, articula consumo cultural, performatividade e sociabilidade entre jovens fãs. Dessa forma, busca-se compreender a K-POC como espaço onde a cultura pop sul-coreana, vínculos afetivos e estéticas dissidentes se entrelaçam na criação de novos modos de existir.

Palavra-chave: K-pop; festa; performatividade; identidades; território.

Introdução

A expansão global da cultura pop sul-coreana, conhecida como Hallyu ou Onda Coreana⁴, tem remodelado práticas culturais, modos de consumo e formas de sociabilidade em diferentes partes do mundo. No Brasil, a onda coreana chega com seus filmes, séries e o K-pop para compor a crescente expansão de produtos midiáticos e culturais do Extremo Oriente no cenário global, modificando não apenas os hábitos de consumo cultural do país, mas apresentando novas formas de produção e distribuição (SHIM, 2006; MAZUR, 2023).

A criação da internet e o fortalecimento das redes sociais permitiu que a onda coreana chegasse ao Brasil a partir da segunda metade dos anos 2000, possibilitando que novos hábitos de consumo fossem adquiridos pelos jovens, que podem usufruir de produtos culturais vindos de outro continente, e além disso, interagir com outros fãs. Entretanto, as interações, trocas e o consumo da onda coreana não permanecem no meio

1 Trabalho apresentado na IJ06 – Comunicação e Interfaces da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Estudante de Graduação, 7º Semestre, do Curso de Produção Cultural do Instituto de Artes e Comunicação Social – UFF, e-mail: mariahla@id.uff.br

3 Orientadora do trabalho e professora na Graduação em Estudos de Mídia da Universidade Federal Fluminense (GEC/UFF). Email: krystalcortez@id.uff.br

4 Termo utilizado para se referir a transformação e popularização dos elementos culturais e midiáticos da Coreia do Sul.

digital, mas ocupam e se apropriam dos espaços urbanos, como praças, centros culturais, festivais e baladas temáticas (JIN e YOON, 2014; URBANO, 2018).

A onda coreana se espalha no Brasil em um circuito cultural e musical composto por shows, eventos culturais e festas, que é o objeto desta pesquisa. As festas de K-pop podem ser divididas em matinês e noturnas, fixas ou itinerantes, e possuem públicos e classificação etárias diversas, que influenciam sua estrutura, local e proposta. As primeiras festas são datadas a partir da segunda década dos anos 2000, com destaque para as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Atualmente, o fenômeno se expande para outras regiões do país, impulsionado tanto por iniciativa de fãs locais quanto por festas itinerantes que percorrem diferentes estados (URBANO, 2018).

Diante desse contexto, este trabalho apresenta a Festa K-POC como um território cultural consolidado no Rio de Janeiro, que opera como espaço de sociabilidade, lazer e expressão para jovens fãs de K-pop, especialmente LGBTQIAPN+, racializados e periféricos. A pesquisa, que está em andamento, adota uma abordagem qualitativa (BAUER e GASKELL, 2008), fundamentada nos pressupostos da pesquisa etnográfica (FAVRET-SAADA, 2005). A partir disso, são apresentados os resultados iniciais da pesquisa exploratória em campo realizada na festa FANDOM, organizada pelos mesmos produtores da Festa K-POC.

O que é a K-POC?

A Festa K-POC é uma balada dedicada exclusivamente ao gênero musical K-pop e com foco no público maior de 18 anos. Criada em 2019 no Rio de Janeiro, a festa ocorre mensalmente, majoritariamente na Lapa, e reúne fãs de diversas localidades do estado do Rio de Janeiro. As festas possuem edições temáticas, em que os frequentadores são convidados a estimularem sua criatividade, caracterização e performance antes mesmo do evento, visto que através da comunicação nas redes sociais, principalmente Instagram e Tik Tok, os realizadores e público da festa interagem e apoiam fortemente o uso vestimentas e maquiagens elaboradas e voltadas ao tema da festa. É através das escolhas dos fãs que a K-POC se porta como uma festa plural, capaz de questionar estruturas sociais.

Em cada edição, a K-POC traz práticas inovadoras, mesmo diante das dificuldades, como por exemplo a pandemia da COVID-19, que levou a festa a criar

edições online. Após seu retorno em 2021, a K-POC vem trazendo temáticas criativas (como as edições “Sexy Concept”, “Fairytale” e “KPOCWEEN”), convocando os fãs a performarem as coreografias de K-pop, assistirem apresentações de *k-covers*, além de oferecer salas com karaokê, estúdio de tatuagem, venda de produtos de K-pop artesanais e áreas de lazer e sociabilidade.



Fonte: Fotos retiradas da internet e mosaico feito pela autora.

Amaral (1998) destaca que festas não são meros espetáculos, mas rituais coletivos com participação ativa. Através da festa, o indivíduo é dominado pelo coletivo e pode reafirmar as crenças do grupo, além de reavivar laços sociais que são essenciais para a vida em sociedade. Dessa forma, é possível compreender que a Festa K-POC não se trata de um espetáculo, mas de um evento que necessita da presença e participação dos seus atores (realizadores) e dos seus “espectadores”.

Através da Festa K-POC, podemos observar que os códigos culturais sul-coreanos são constantemente reapropriados, dialogando com estéticas, linguagens e afetos locais (SHIM, 2006; MAZUR, 2023; URBANO, 2018). Segundo Haesbaert (2010), o território é marcado por apropriações múltiplas e disputas simbólicas, o que permite entender a K-POC como espaço onde sujeitos LGBTQIAPN+ se expressam, performam e reconfiguram a ocupação urbana através da música, da estética e da festa. Festas como a K-POC moldam novas territorialidades e alteram os ritmos da cidade (HERSCHMANN, 2018).

Mais do que um simples evento musical, a K-POC se configura como um espaço de expressão de subjetividades dissidentes e de negociação identitária, no qual

performances de gênero, sexualidade e estética são constantemente experimentadas, ressignificadas e compartilhadas (BUTLER, 1993). É na pista de dança, nas performances dos DJs, nos figurinos, nas interações presenciais e virtuais que os sujeitos constroem sentidos de pertencimento, resistência e comunidade. A festa se transforma em um espaço queer (KWON, 2023; KUO et al., 2020), onde sujeitos LGBTQIAPN+ constroem mundos possíveis através de práticas performáticas capazes de subverter padrões e normas cisheteronormativas, em um ato de resistência e autoafirmação. O consumo cultural — de músicas, figurinos e acessórios — se articula à construção de capital simbólico e distinção social (BOURDIEU, 2008), mas ultrapassa a lógica mercantil, operando como forma de expressão coletiva e subversiva.

A articulação entre cultura global e local (BARTH, 2005; DE OLIVEIRA, 2019) é central neste fenômeno: os códigos do K-pop são ressignificados, atravessados por práticas culturais brasileiras, por linguagens urbanas e por expressões queer. Assim, a K-POC não é apenas um reflexo da circulação da cultura pop sul-coreana, mas um espaço onde essa cultura é reinterpretada a partir dos marcadores sociais da diferença — gênero, sexualidade, raça e classe. Visto que as identidades são construídas através de processos discursivos, históricos e culturais, marcados pela diferença (HALL, 1996; SILVA, 2000), a Festa pode ser observada como um local de produção discursiva para sujeitos dissidentes, que se portam contra padrões hegemônicos.

Análise Exploratória do campo: A Festa FANDOM

“A Festa K-POC deu cria! Estreia FANDOM, festa para enaltecer nossos fav.” (Festa FANDOM, 2023).

Durante quase 6 anos a K-POC interagiu com diversos espaços entre Lapa, Zona Sul, Zona Norte do Rio de Janeiro e até mesmo a Baixada Fluminense, além de realizar parcerias com outras festas. Após se tornar uma festa reconhecida pelos fãs, a produção da K-POC trouxe uma novidade em 2023: a criação da festa FANDOM, com edições dedicadas a grupos de K-pop. A FANDOM é uma matinê para maiores de 18 anos, ocorrendo em Botafogo, com edições dedicadas a um ou dois grupos de K-pop.

Eu conheci a K-POC através de amigas e após notar sua popularidade nas redes sociais. Tendo isso em vista decidi realizar uma pesquisa inicial exploratória em duas

edições da festa FANDOM. Através da pesquisa em campo na festa, observei que a K-POC é uma potência mobilizadora, capaz de gerar novos circuitos e sociabilidades.

Festa FANDOM, BTS special - 09 de junho de 2024

Em junho de 2024, fui ao especial BTS da FANDOM, em comemoração ao aniversário de 11 anos do grupo. Aquela foi a minha primeira vez frequentando uma festa voltada ao público fã de K-pop. Eu estava animada para cantar as minhas músicas favoritas e, principalmente, para fazer novas amizades. A partir do princípio de me permitir afetar e ser afetada pelo trabalho em campo (FRAVET-SAADA, 2005, p. 160), vivi e observei a festa como fã e estudante de Produção Cultural.

Eu soube da festa através de uma amiga que conheci no Twitter, também moradora de Niterói e fã do BTS. Na descrição do evento no Instagram é explicado o seu tema, as informações importantes de local e venda de ingressos e além disso, o propósito de ser uma experiência de imersão em celebração ao grupo musical e ao ato de ser fã, trazendo elementos como jogos, sorteio de brindes e produtos artesanais. A venda de ingressos foi online, através da plataforma Sympla ou direto pelo pix da produção, com lotes a partir de R\$15,00 e gratuidade para aniversariantes do mês.

Cheguei a Botafogo por volta das 15h, após atravessar a Ponte Rio-Niterói. Ao me aproximar da entrada, percebi a presença de pessoas com maquiagens e figurinos elaborados verificando os ingressos e identidades para liberar a entrada, além da música familiar do BTS que ecoava para fora do bar. Após entrar, encontrei um ambiente escuro, com luzes colorida, uma pista de dança com algumas dezenas de pessoas, DJ no palco e um pequeno bar. Ainda tímida e sem conhecer ninguém, resolvi comprar uma cerveja para esperar minhas amigas chegarem, enquanto cantava as músicas do BTS que tocavam.

Logo percebi os variados e expressivos estilos dos frequentadores: camisetas referentes ao BTS, roupas inspiradas aos ídolos de k-pop, cabelos coloridos, piercings, tatuagens e maquiagens elaboradas. Para além da vestimenta marcante de festa, havia outros acessórios, como photocards e bottons, que funcionavam como marcadores de identidade e preferências dentro do fandom – eles indicavam quem era o seu *bias*, por exemplo. Esse foi um aspecto que acabou me deixando um pouco aflita, pois eu também gostaria de mostrar que meus *bias* eram o Taehyung e o Jimin. Ainda assim, eu usava um *bottom* do BTS preso à minha blusa, como forma de pertencimento.

Com a chegada das minhas amigas, fomos à pista de dança. Era comum ver grupos formando círculos para dançar e realizar coreografias das músicas, mas também haviam aqueles que dançavam sozinhos. Com o passar do tempo, nosso grupo aumentou e interagimos com outras Armys, trocando risos e passos. A sociabilidade e dispersão pelo espaço era frequente, seja entre os amigos que já se conheciam, grupos que se juntaram ou os casais que se formaram após um beijo no meio da festa. Beijos, abraços e interações entre pessoas de diferentes gêneros eram comuns.

O evento acabou por volta das 19h30 e na saída do evento, formamos um novo grupo com o intuito de realizar uma “after” em algum bar de Botafogo. Estávamos entre pessoas de diferentes regiões do Rio de Janeiro e até mesmo de outra nacionalidade. No bar, compartilhamos bebidas e conversar sobre K-pop, fanfics e até mesmo assuntos íntimos e pessoais como vida profissional, sexual e amorosa. Percebi que todos ali pareciam confortáveis para dialogar e já se conheciam de outras edições da FANDOM ou da K-POC. Apesar de ser um domingo e ter que acordar cedo para trabalhar presencialmente no dia seguinte, eu queria continuar ali para conversar sobre assuntos que raramente tive a oportunidade de dialogar em outras ocasiões, principalmente por não conhecer tantos fãs de K-pop como eu e não estar em ambientes confortáveis e abertos para esse diálogo. Foi assim que eu percebi que a minha experiência na FANDOM foi marcante não apenas como uma festa para ouvir meus artistas favoritos e dançar, mas para criar laços, me identificar com outros fãs e me sentir pertencente. Através da festa, entendi que ser fã também é criar modos de existir no mundo e construir identidades a partir da diferença e da cultura compartilhada (HALL, 1996; SILVA, 2000; BUTLER, 1993).

Festa FANDOM, BTS special - 31 de maio de 2025

No dia 31 de maio, às 22h da noite em uma casa noturna em Botafogo, começou a Festa FANDOM, com edição especial em comemoração ao aniversário de 12 anos do BTS. Eu soube da festa através do perfil do Instagram da K-POC, visto que as festas da FANDOM são divulgadas em postagens colaborativas com a K-POC – o que evidencia a conexão entre as duas festas e a circulação do mesmo público. Assim que vi a publicação, compartilhei com uma amiga que esteve comigo na edição de 2024, e imediatamente confirmamos nossa ida. Aquela foi a primeira vez que a FANDOM fazia uma edição noturna, o que me gerou grandes expectativas.

Meus preparativos para a FANDOM começaram na semana anterior e eu tinha uma grande preocupação: eu não possuía nenhuma peça roxa (cor associada ao fandom do BTS) nem acessório, como photocards, pulseiras ou uma camiseta do grupo, para que eu pudesse me sentir pertencente como fã. Ao encontrar minha amiga no ônibus, uma das primeiras coisas que ela disse foi: “Você não tá usando nada do BTS?!”. Percebi que apesar de não usar roxo, ela estava com um *photocard* do Jimin preso à sua saia e um chaveiro do Chimmy (personagem do BT21). Assim que eu neguei, ela tirou o chaveiro do Chimmy e me deu, dizendo que se eu não usasse nada, iriam me perguntar para onde eu estava indo, pois não parecia uma Army.

Chegamos à festa por volta de 23h40, após um “aquecimento” em um bar com outras amigas. Logo na entrada, fui surpreendida pela organização da festa: seguranças, revista completa e funcionários para checagem de ingresso. Após apresentar meu ingresso e receber uma comanda do bar, entramos. No hall de entrada havia duas mesas com vendas de produtos feitos por fãs, como colares, pulseiras, chaveiros, photocards, pôsteres. No mesmo espaço havia bancos e poltronas com pessoas conversando.

Fomos direto para o que realmente importava: a pista de dança. O espaço estava cheio, as pessoas pulavam juntas no ritmo da música e cantavam letras em coreano o mais alto que podiam. Assim como elas, eu e minhas amigas também nos juntamos aos gritos, pulos e mesmo sem saber, tentamos imitar as coreografias das músicas. E falando em coreografia, no espaço da pista havia um palco aberto e livre, que chegava a ter mais de 5 pessoas em passos extremamente sincronizados em quase todas as músicas que tocavam. Eles permaneceram ali do início da festa até o fim, tendo pequenas pausas para interação com outros Armys. A pista tinha diversidade de gênero, raça e idade. Também reconheci rostos de outras festas, inclusive da edição da FANDOM que frequentei em 2024. O espaço da pista estava sempre agitado e houve uma única pausa para o sorteio de brindes, o que instigou ainda mais o público.



Fonte: Fotos retiradas da internet e mosaico feito pela autora.

De olho na vestimenta, notei que os estilos mais comuns envolviam o uso de acessórios, presença dos photocards e chaveiros, mas também de camisetas do grupo ou

de algum membro. Cabelos coloridos ou descoloridos (tingidos ou com uso de tranças box braids), assim como o corpo repleto de tatuagens, inclusive tatuagens em homenagem ao grupo de K-pop. Mas o que mais me chamou atenção foram os frequentadores que performavam visualmente os membros do grupo em clipes como “Dope”, “Fake Love” e “No More Dream”. Seus figurinos, maquiagens, acessórios e, principalmente, seus gestos e ações na pista subvertiam noções de binaridade de gênero. Essas pessoas também interagiam com outros frequentadores, de forma íntima e romântica, mas também fraternal com seus grupos de amigos. Uma delas chegou a interagir com meu grupo, em que pudemos dançar, cantar e rir todos juntos. Também observei o uso de bottons e símbolos que indicavam a orientação sexual do fã, como o uso de bandeiras LGBTQIAPN+ que se identificavam.

Um dos aspectos mais interessantes era a celebração do afeto: casais se beijavam e seus amigos comemoravam, independente do gênero. É um espaço que comemora e celebra as diferenças e o afeto, independentemente de qual e como seja. Uma das minhas amigas até disse, de forma irônica: “A K-POC abraça todos, até os heteros”. Tal fala me fez pensar sobre questões de identidade e diferença. O LGBTQIAPN+ sempre foi o outro, sempre esteve fora da normatividade, e agora ele era o foco, o comum, o sujeito acolhido. Isso me deixou confortável para viver trocas mais íntimas.

As músicas também eram fundamentais para a criação de um clima. Em canções lentas e sensuais, como “House of Cards”, “Nuts” e “Singularity”, os fãs se sentiam dispostos a performar sensualidade, dançavam colados, com beijos e toques íntimos. Já em faixas melancólicas, como “Heartbeat”, observei abraços e olhos marejados. Essa foi, inclusive, a música mais marcante para mim: segurei a mão da minha amiga, de olhos fechados e mão no peito, cantando a plenos pulmões. Eu queria chorar mas não conseguia. Era um sentimento que nos levava além. Mais tarde ela me disse que sentiu que aquele momento a mudou de alguma forma e o sentimento era inexplicável.

Por volta das 4h da manhã a pista de dança esvaziou e as músicas lentas traziam a melancolia do fim da festa. Ainda assim, os corpos que estavam presentes dançavam e corriam livres pela pista enquanto cantavam, vi que uma pessoa também gravava a si mesma, outros ainda conversavam e tinham um contato mais íntimo. Após tocar “Hold Me Tight”, uma das minhas amigas disse que essa era “a música da vida dela” e que “perturbou” a DJ para tocá-la. A festa terminou às 4h40. Enquanto eu esperava o Uber

para voltar a Niterói, vi a realizadora da festa se despedindo de um frequentador com a frase: “Até a K-POC!”.

Considerações finais

A observação exploratória da Festa FANDOM revelou como festas voltadas ao K-pop operam como espaços de expressão identitária, sociabilidade e resistência, especialmente entre jovens LGBTQIAPN+. A FANDOM, como desdobramento direto da Festa K-POC, herda e reforça os mesmos códigos afetivos, simbólicos e políticos que fazem da K-POC um território cultural relevante no cenário urbano carioca. A presença de performances dissidentes, vínculos afetivos e estéticas plurais reforça o potencial dessas festas como espaços de construção de pertencimento.

A K-POC constitui-se como um espaço de resistência cultural frente às normatividades hegemônicas – seja no campo da música, da sociabilidade urbana ou das expressões de gênero e sexualidade. É possível observar que os desdobramentos da festa ocorrem antes e após a realização do evento, em que novos vínculos são criados e identidades dissidentes encontram afirmação e apoio.

Tratando-se de uma produção independente, a K-POC permite compreender as dinâmicas de produção e circulação da cultura coreana interagindo com a cultura carioca e local. Além disso, possibilita a construção de sentidos, práticas e experiências impulsionadas por agentes culturais – DJs, produtores, performers e público – que deixam marcas no espaço e na identidade dos indivíduos. Nesse contexto, a festa deixa de ser apenas um espaço de lazer e se afirma como um espaço atravessado por transformações socioculturais e pela produção e ressignificação de sociabilidades e identidades dissidentes no cruzamento entre a cultura pop sul-coreana e as culturas urbanas cariocas. Como pesquisa em andamento, os próximos passos contemplam novas idas a campo em diferentes edições da K-POC, com o objetivo de aprofundar a análise das dinâmicas e sentidos produzidos nesses territórios culturais

Referências

- AMARAL, Rita. As mediações culturais da festa. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 3, n. 1, p. 13–22, jan./jun. 1998.
- BARTH, Fredrik. Etnicidade e o conceito de cultura. *Antropolítica*, Niterói, n. 19, p. 15-30, 2. sem. 2005.

-
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: critério social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- BUTLER, Judith. Critically queer. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, Durham, v. 1, p. 17–32, 1993.
- FESTA FANDOM. *Instagram: perfil oficial da Festa Fandom*. Disponível em: <https://www.instagram.com/festafandomrj/>. Acesso em: 14 de maio de 2025.
- FESTA KPOC. *Instagram: perfil oficial da Festa Kpoc*. Disponível em: <https://www.instagram.com/festakpoc/>. Acesso em: 14 de maio de 2025.
- FESTA KPOC. *TikTok: perfil oficial da Festa Kpoc*. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@festakpoc>. Acesso em: 14 de maio de 2025.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 13, p. 155–161, 2005.
- HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 19–46, fev. 2010.
- HALL, Stuart. Who needs identity? In: HALL, Stuart; DU GAY, Paul (org.). *Questions of cultural identity*. London: SAGE Publications, 1996. p. 1–17.
- HERSCHMANN, Micael. Das cenas e circuitos às territorialidades (sônico-musicais). *Logos*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 124–137, 2019.
- JIN, Dal Yong; YOON, Kyong. The social mediascape of transnational Korean pop culture: Hallyu 2.0 as spreadable media practice. *New Media & Society*, 1–16, 2014.
- KUO, Linda; PEREZ-GARCIA, Simone; BURKE, Lindsey; YAMASAKI, Vic; LE, Thomas. Performance, fantasy, or narrative: LGBTQ+ Asian American identity through Kpop media and fandom. *Journal of Homosexuality*, New York, v. 69, n. 1, p. 145–168, 2020.
- KWON, Jungmin. (K)Queer-pop for another world: toward a theorization of gender and sexuality in K-pop. *International Journal of Communication*, v. 17, p. 52–71, 2023.
- MAZUR, Daniela. *A Coreia do Sul e a Hallyu: uma globalização alternativa no mundo multipolar*. 2023. 280 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.
- SHIM, Doobo. Hybridity and the rise of Korean popular culture in Asia. *Media, Culture & Society*, London, v. 28, n. 1, p. 25–44, 2006.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73–102.
- URBANO, Krystal Cortez Luz. *Beyond Western Pop Lenses: o circuito das japonesidades e coreanidades pop e seus eventos culturais/musicais no Brasil*. 2018. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.
- DE OLIVEIRA, Luciana Xavier. “Vem pro baile, vem pra rua”: territorialidades, estilos e identidades em um baile black no Rio de Janeiro. *Logos*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 9–24, 2019.